

DOI: <https://doi.org/10.22484/2318-5694.2026v14id5947>

RECEBEU A NOSSA BANDEIRA: FOLIA DE REIS, COMUNICAÇÃO E JORNADA DO HERÓI

Received our flag: Folia de Reis, communication and the hero's journey

Recibimos nuestra bandera: Folia de Reis, comunicación y el viaje del héroe

Carlos Carvalho Cavalheiro¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4527-1894>

E-mail: carloscavalheiro@gmail.com

Paulo Celso da Silva²

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0494-7408>

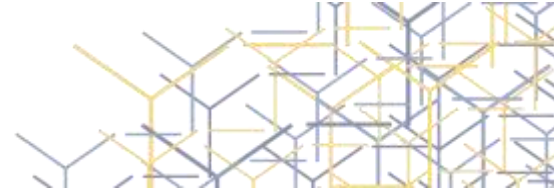
E-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

Resumo: Este trabalho tem como tema a manifestação da cultura popular como mídia e é guiado pela seguinte questão: as semelhanças entre os roteiros das Folias de Reis e a "Jornada do Herói" permitem afirmar que o retorno, simbolizado pela festa da chegada, constitui uma forma de comunicação da transformação da experiência religiosa? Desse modo, o objetivo geral é compreender como se estabelece essa comunicação das Folias de Reis com sua comunidade. Em termos teóricos, o estudo mobiliza autores que discutem a Jornada do Herói, a comunicação e a articulação entre o local e o global. Como metodologia, utilizam-se a observação participante, entrevistas e revisão bibliográfica sobre Folias de Reis e Jornada do Herói.

Palavras-chave: jornada do herói; cultura popular; folia de reis; comunicação.

¹ Universidade de Sorocaba (Uniso). Sorocaba, SP, Brasil.

² Universidade de Sorocaba (Uniso). Sorocaba, SP, Brasil.



Abstract: This study examines the manifestation of popular culture as a form of media, guided by the following question: do the similarities between the narrative structures of the Folias de Reis and the “Hero’s Journey” allow us to affirm that the return, symbolized by the celebration of arrival, constitutes a form of communication of the transformation of religious experience? The general objective is to understand how this communication is established between the Folias de Reis and their community. The theoretical framework draws on authors who discuss the hero’s journey, communication, and the articulation between the local and the global. Methodologically, the research is based on participant observation, interviews, and a bibliographic review on the Folias de Reis and the hero’s journey.

Keywords: hero’s journey; popular culture; Folia de Reis; communication.

Resumen: Este trabajo se centra en la manifestación de la cultura popular como medio de comunicación y se guía por la siguiente pregunta: ¿las similitudes entre los guiones de las Folias de Reis y el «viaje del héroe» permiten afirmar que el regreso, simbolizado por la celebración de la llegada, constituye una forma de comunicación de la transformación de la experiencia religiosa? Por lo tanto, el objetivo general es comprender cómo se establece esta comunicación entre las Folias de Reis y su comunidad. En cuanto al marco teórico, el estudio recurre a autores que abordan el viaje del héroe, la comunicación y la articulación entre lo local y lo global. La metodología utiliza la observación participante, entrevistas y revisión bibliográfica sobre las Folias de Reis y el viaje del héroe.

Palabras clave: viaje del héroe; cultura popular; Folia de Reis; comunicación.



1 INTRODUÇÃO

As narrativas da Jornada do Herói descrevem uma trajetória circular, que compreende a saída e o retorno. Contudo, não se trata apenas de voltar ao ponto de partida, mas de uma transformação, conquistada com grande esforço, que conduz a algo mais profundo e reflexivo: o encontro da consciência com aquilo que antes lhe faltava no local de origem. É necessário dizer que a escolha entre retornar e permanecer onde se está constitui tarefa árdua.

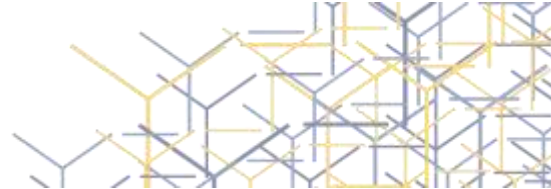
Serres (1993), ao abordar essa viagem ao desconhecido e o retorno, narra uma fábula do rei Arlequim que, viajante e conhecedor de muitos planetas e galáxias, regressa e, ao ser questionado sobre o que aprendeu, afirma não ter visto nada de diferente ou interessante. Entretanto:

Altivo, Arlequim observa os espectadores com um desprezo e uma arrogância ridículos. No meio da sala, que se torna ruidosa, levanta-se alguém que logo estende a mão na direção do manto de Arlequim. Ei - grita essa pessoa -, tu que dizes que em toda a parte tudo é como aqui, queres também fazer-nos acreditar que o teu manto é só feito de uma peça, tanto frente como atrás? - estás vestido como o roteiro das tuas viagens! - pergunta ainda a mesma pessoa de modo pérfido [...].

Somente lhe resta despir-se:

Arlequim continua, pois, a despir-se. Outro manto furta-cores, uma nova túnica com galões, depois uma espécie de véu estriado: tudo assim aparece sucessivamente, e ainda umas meias sarapintadas... A sala desata a rir às gargalhadas, cada vez mais estupefata, mas Arlequim nunca mais acaba de se despir; atrás de uma peça aparece outra, que se pensa ser a antepenúltima: esfarrapada, compósita, aos pedaços... Arlequim traz consigo uma camada espessa de mantos de arlequim [...] Erguido atrás dele, o último pano acabou de cair. Espanto! Tatuado, o imperador da lua exhibe uma pele matizada que é muito mais do que a pele do próprio corpo e que, no seu todo, quase se assemelha a uma impressão digital. Como uma tapeçaria, a tatuagem, estriada, salpicada, listrada, adamascada, ondulada, impede que se possa olhar, tal como as roupas ou os mantos espalhados pelo chão (Serres, 1993, p. 11-12).

Essa narrativa fabulosa e alegórica tem o intuito de introduzir o leitor na proposta de pensar e agir de maneira mestiça, em consonância com uma filosofia mestiça, como sugere o título da tradução brasileira de *Le Tiers-Instruit* (Serres, 1993). Digno de nota é o fato de apenas a edição brasileira trazer o termo mestiço no título. Isso indica também que não é provável, e talvez nem possível, partir e voltar exatamente como se saiu. A jornada e o aprendizado nos marcam profundamente, a ponto de Arlequim despir-se e ainda permanecer totalmente colorido, tatuado e hermafrodita, isto é, revestido e travestido pelas marcas de sua jornada.



O mesmo ocorre com as manifestações culturais de cunho religioso e com suas narrativas, que atravessam o tempo, são ressignificadas conforme as necessidades morais e psicológicas de cada época e recriam mitologias para os viveres contemporâneos. Ao ser questionado por Bill Moyers se o mito é uma mentira, Campbell (1990, p. 173) responde negativamente: “a mitologia não é uma mentira; mitologia é poesia, é algo metafórico. Já se disse, e bem, que a mitologia é a penúltima verdade - penúltima porque a última não pode ser transposta em palavras”.

Ainda com Campbell (1990), e pensando a transferência ritual da Folia de Reis do campo para a cidade, o autor sugere um caminho quando afirma que “as pessoas reagem ao meio ambiente [...]. O mito deve ser mantido vivo. As pessoas capazes de o fazer são os artistas, de um tipo ou de outro. A função do artista é a mitologização do meio ambiente e do mundo” (Campbell, 1990, p. 89). Isso porque a ordem cósmica está em toda parte, esteja o sujeito onde estiver. Essa reflexão permite pensar a relação do homem com seu entorno: a vida no campo estava inserida na natureza como presença, assim como os animais e as plantas. Tudo fazia parte de uma totalidade que respeitava o tempo e o espaço impostos pela natureza. O tempo da natureza não é o do relógio convencional: em uma noite de geadas, se for necessário, passa-se toda a noite cuidando da plantação para que ela não queime; do mesmo modo, muitas plantas têm seus próprios períodos para semear, colher e plantar. Também o espaço não é o do atual agronegócio, que manipula a terra com produtos industrializados para alcançar produtividade contínua.

A transferência de pessoas do campo para a cidade, como ocorreu em Sorocaba, altera a relação entre o homem e a natureza; o sagrado e o profano passam a ter outro sentido na simbolização espiritual, pois tudo é manipulado e construído artificialmente. A própria árvore, replantada no canteiro ou nos jardins, não pode interromper o fluxo dos fios elétricos ou da internet e, quando o interrompe, é podada sem outro critério que não o do desbloqueio. Nesse sentido, a cidade é um artifício no qual o sagrado é localizado em templos e igrejas construídas ou reocupadas, não importa sua utilização anterior.

Seguindo por esse caminho, Certeau (2012, p. 74) nos ajuda a entender como essas manifestações religiosas da cultura popular encontram saídas para as imposições do meio em que se encontram, mesmo que distantes de seu locus original:

Os “crentes” rurais desfazem assim a fatalidade da ordem estabelecida. E o fazem utilizando um quadro de referência que, também ele, vem de um poder externo (a religião imposta pelos missionários). Reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse reemprego por “super-ações”, excrescências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olharam com suspeita, e com razão, de contestar às hierarquias do poder e do saber a sua “razão”. Um uso (“popular”) da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se veem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida.



Adaptar uma tradição do campo para a cidade foi possível em razão de uma das características básicas da Folia de Reis: a familiaridade entre seus participantes, em que avós, pais, filhos e parentes tocam juntos e em que até mesmo os que não são familiares diretos passam a integrar essa família ampliada pela crença, pela devoção aos santos e pela amizade entre todos. Deparamo-nos com o que Santos *et al.* (2000, p. 2) e Santos e Silveira (2001, p. 20) teorizaram como território usado, aquele de todos, sejam os agentes hegemônicos, como as grandes empresas, seja o cidadão comum; em outras palavras, território usado como sinônimo de espaço geográfico e de seus múltiplos lugares, enquanto dimensão do cotidiano (Santos, 1996), no qual a relação do lugar com o mundo pode ser entendida pela tríade entre espaço geográfico, território usado e lugar.

Assim, a familiaridade entre pessoas e seus lugares, características do cotidiano, ligadas a uma tradição religiosa europeia introduzida no Brasil colonial, pode fazer o diálogo entre o simbólico e o concreto da cidade. Freyre (1954, p. 122) afirma a prevalência de “uma liturgia antes social que religiosa, um doce cristianismo lírico, com muitas reminiscências fálicas e animistas das religiões pagãs: os santos e os anjos só faltando tornar-se carne e descer dos altares nos dias de festa para divertirem-se com o povo”.

A devoção aos Reis Magos está espalhada por praticamente todas as regiões do Brasil, com nomes variados, como Folia de Reis, Terno de Reis, Reisado, Bois de Reis, Pastorinhas e Companhia de Reis, entre outros.

Nessa dimensão geográfica, o interesse deste trabalho é analisar as semelhanças entre a manifestação das Folias de Reis e a Jornada do Herói, buscando, nas raízes do mito, a forma de comunicação de tradições antigas e de rituais que restabelecem a ligação com o sagrado e nos reconectam ao equilíbrio da psique. Por isso, Campbell (2007) afirma que a ausência da simbologia dos mitos e dos ritos na atualidade, aquilo que ele chama de “auxílio espiritual efetivo”, pode ser causadora da “incidência tão grande de neuroses em nosso meio” (Campbell, 2007, p. 21).

Nesse sentido, Campbell (2007) afirma que os rituais são encenações simbólicas dos mitos e que, por sua vez, os símbolos da mitologia “são produções espontâneas da psique de cada um” e que, “na ausência de uma efetiva mitologia geral, cada um de nós tem seu próprio panteão do sonho privado, não reconhecido, rudimentar e, não obstante, secretamente vigoroso” (Campbell, 2007, p. 15-16). Por isso, ainda segundo Campbell (1990, p. 6), os mitos “ensinam que você pode se voltar para dentro, e você começa a captar a mensagem dos símbolos. [...] o mito o ajuda a colocar a mente em contato com essa experiência de estar vivo. Ele lhe diz o que a experiência é”.

O intuito aqui é verificar se a jornada, ou giro, como é chamado “o roteiro formado por um grupo de Reis” (Pellegrini Filho, 1985, p. 63), possui semelhanças com o que Campbell cunhou como “Jornada do Herói” para mitos espalhados por diferentes regiões do planeta. A hipótese é que sim: existe uma semelhança entre ambas, afinal, “Percorremos um círculo completo, do túmulo do útero ao útero do túmulo: uma ambígua e enigmática incursão num mundo de matéria sólida prestes a se diluir para nós, tal como ocorre com a substância do sonho” (Campbell, 2007, p. 23).



Os giros das Folias de Reis seguem um padrão que podemos associar às histórias mitológicas: há um chamado da aventura, a recusa ao chamado (diante das dificuldades), o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar, o ventre da baleia, a iniciação (caminho de provas) e o retorno.

Então, a Jornada do Herói pressupõe o retorno e a comunicação da transformação ocorrida durante a peregrinação. Parece-nos que esse ponto-chave se concretiza, no caso das Folias de Reis, com a Festa da Chegada. Por isso, há a recepção calorosa da Folia e da comunidade, por meio de uma lauta refeição, fruto do que foi colhido durante a jornada, e pela passagem simbólica pelos arcos, que representam estações e, ao mesmo tempo, os próprios Reis Magos (Cavalheiro, 2007).

Para Campbell (2007), esse “retorno e reintegração à sociedade, [...] é indispensável à contínua circulação da energia espiritual no mundo e que, do ponto de vista da comunidade, é a justificativa do longo afastamento” (Campbell, 2007, p. 41). Por muito tempo, esse campo do conhecimento humano chamado mito, ou mitologia, foi desprezado pela racionalidade científica. No entanto, como afirma Lévi-Strauss (1978, p. 38), precisamos nos habilitar “a entender uma grande quantidade de coisas presentes no pensamento mitológico e que no passado nos apressávamos a pôr de parte como coisa carecida de significado e absurda”.

A jornada da Folia de Reis, em área urbana, não é somente uma manifestação de religiosidade popular. As roupas, as máscaras dos acompanhantes do grupo (chamados de Palhaços, Mateus, Bastião, Malungo, a depender da região), o colorido das fitas e, enfim, toda a estética que acompanha esse grupo comunicam um conjunto de tradições antiquíssimas, aglomeradas ao longo do tempo e forjadas na experiência de seus participantes. Marinho (2015, p. 201-202) nos ajuda a pensar ao descrever a função dos “Palhaços” na Folia de Reis:

Figura constante e imprescindível, ele é um personagem ambíguo e de aparente ingenuidade. É responsável pelo bailado, que muitas vezes leva à interação dos espectadores. Suas brincadeiras são o espaço em potencial para a subversão, para a desordem. Mascarado, sua visão nos transporta para além do cotidiano, para o mundo do jogo, do imaginário, da festa. Em suas máscaras, estão presentes o lendário, o sagrado e o profano, em estampas do grotesco que se apropriam de um barroquismo traduzido em exuberantes fantasias, desenhando o território do mestiço [...].

Esse território do mestiço, que também é um território mestiço, uma vez que incorporou e assumiu as simbologias e se coloca como local para crenças à margem das instituições, comunica ao universo, simbólico e concreto dos homens, que o mito vive em sua totalidade entre o trágico e o cômico, partes igualmente experienciadas no território usado.

A comunicação dessa representação mítica, religiosa da Jornada do Herói, agora um herói urbano em sua jornada pelo conhecido-desconhecido, ocorre em ruas e casas que não estão preparadas para sua passagem, como se observa nas festas de Corpus Christi, quando fiéis católicos decoram as ruas com tapetes coloridos feitos de serragem, sal, flores e outros materiais para a procissão. Ao mesmo tempo, trata-se de



um território conhecido, quando a Folia adentra os lares para cantar ao Menino no presépio e compartilhar uma refeição oferecida pelos proprietários da casa.

Entre o grupo e os moradores, o estandarte também constitui uma união simbólica de toda a comunidade, cuja identidade é representada pelas fitas e imagens.

2 METODOLOGIA

Além da revisão bibliográfica, a partir da leitura de textos sobre Folia de Reis e sobre o conceito de Jornada do Herói, desenvolvido por Joseph Campbell, utilizamos a observação participante decorrente de 14 (quatorze) anos de aproximação com a Companhia de Santos Reis de Vila Formosa, na cidade de Sorocaba, no período de 1993 a 2007. A Vila Formosa é um bairro da zona norte de Sorocaba, cidade do interior paulista. Nesse bairro, há uma concentração significativa de mineiros, paranaenses e nordestinos, o que estimula o reavivamento de diversas práticas culturais e religiosas, como a Folia de Reis.

Essa aproximação se deu pelo interesse intelectual em compreender a manifestação cultural e religiosa da Folia de Reis. Nesses quatorze anos de convivência e de participação nas apresentações, como observador, nunca como folião, foi possível realizar diversas entrevistas com os membros da Companhia de Reis, em especial com o embaixador (mestre). Essas experiências resultaram na publicação de livros e artigos em jornais de Sorocaba e região.

O número de integrantes da Companhia, no período de aproximação, variava de 20 a 30 pessoas, de acordo com as circunstâncias que permitiam a participação. Na escuta atenta das histórias e experiências compartilhadas, percebeu-se que a jornada da Folia de Reis possuía um caráter mítico que a aproximava das narrativas da Jornada do Herói.

Ou, ao menos, esse caráter mítico permite que se construa uma narrativa que aponte as semelhanças entre as duas jornadas.

2.1 A Folia de Reis em Sorocaba

A devoção popular aos Três Reis Magos, personagens ligados à história de Jesus, está descrita no Evangelho de Mateus. Ikeda (2011, p. 73) descreve essa manifestação como sendo formada por “grupos de devotos dos Três Reis Magos que, normalmente no período entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, anualmente, portando instrumentos musicais e um estandarte alusivo à devoção, fazem visita nas casas, onde realizam louvações cantadas ao Menino Deus e aos Reis Magos”.

A devoção aos Reis Magos é de origem ibérica, pois há registros de sua presença em Portugal e Espanha, e deve ter chegado ao Brasil com os primeiros povoadores lusos. Segundo Câmara Cascudo (1954, p. 402), em Portugal denominava-se folia uma dança rápida ao som do pandeiro ou do adufe. Com o passar do tempo, a prática foi se modificando e hoje possui características próprias, especialmente relacionadas às devoções a santos (Folia de São Benedito, Folia do Divino, Folia de Reis, entre outras).



Trata-se de um grupo precatório que, durante o período chamado de “ciclo do Natal” - que se estende até 6 de janeiro, realiza o chamado “giro” ou “jornada”, que “é o roteiro feito por um grupo de Reis” (Pellegrini Filho, 1985, p. 63). Em Sorocaba, esse grupo surgiu no início da década de 1990, formado especialmente por migrantes paranaenses e mineiros. Com o passar do tempo, o grupo recebeu participantes originários de outras localidades, como São Paulo e Bahia.

A presença de migrantes de outras localidades permitiu a mescla de diferentes tradições em relação aos arcaísmos simbólicos (adereços, rituais, cantorias, entre outros).

De acordo com o relato dos próprios foliões de Sorocaba, o senhor José Coppi, atual embaixador (mestre) da Companhia, recebeu uma carta-convite do senhor Benedito Parisi e do senhor Tarcísio Amaro para organizar, nessa cidade, uma Companhia de Reis. Aparentemente, os migrantes ressentiam-se da falta dessa prática de religiosidade, em geral presente no meio rural, em uma cidade na qual tal tradição inexistia.

José Coppi tinha experiência na condução de um grupo de Folia de Reis, pois participava dessa manifestação desde 1965, em cidades do Paraná como Cascavel, Maringá e Bandeirantes (Cavalheiro, 1999; Cavalheiro, 2007). Naquele Estado, aprendeu os diversos tipos de toadas como a mineira e a paulista. Portanto, quando aceitou o convite para formar uma “Companhia de Santos Reis” (nome dado pelos participantes ao seu grupo), na cidade de Sorocaba, naturalmente ocupou a função de embaixador (mestre).

No final da década de 1990, a Companhia de Santos Reis era composta por 15 foliões, originários de diversas localidades, e com idades díspares, que variavam de 10 a 70 anos.

Ininterruptamente, a Companhia de Santos Reis de Sorocaba realiza anualmente a sua jornada (giro), partindo sempre da Vila Formosa, lugar onde surgiu.



Figura 1 – Estandarte da Companhia de Santos Reis de Sorocaba diante dos Arcos da Chegada



Fonte: Arquivo pessoal do autor, foto de Jovil Franco Júnior, 2004.

Figura 2 – Companhia de Santos Reis de Sorocaba durante o giro (jornada) de 1998



Fonte: Arquivo pessoal do autor, foto de Jovil Franco Júnior, 1998.



2.2 Jornada do Herói

Jornada do Herói é um conceito narrativo popularizado por Joseph Campbell e que se desdobra em 12 fases percorridas pelo herói mítico: mundo comum; chamado à aventura; recusa do chamado; encontro com o mentor; travessia do primeiro limiar; testes, aliados e inimigos; aproximação; provação; recompensa; caminho de volta; ressurreição; retorno com o elixir.

Preliminarmente, é importante entender que essa estrutura pode ser simplificada, de modo a se adaptar a diferentes situações, mantendo, no entanto, pontos essenciais de sustentação da narrativa. Edvaldo Pereira Lima (*apud* Martinez, 2022), por exemplo, propôs uma síntese da Jornada do Herói em oito passos: cotidiano, chamado à aventura, recusas, desafios, caverna profunda, testes, recompensa e retorno. Desse modo, uma narrativa - como a leitura que se faz da jornada da Folia de Reis - pode sustentar-se em aspectos propostos na estrutura da Jornada do Herói.

No livro "O herói de mil faces", Campbell (2007) discorre sobre o que denominou monomito, ou seja, a ideia de que as características presentes em diversos mitos, espalhados pelo globo, levam a crer na existência de uma estrutura básica comum a todas essas histórias que podem ser resumidas, em partida, iniciação e retorno. Lévi-Strauss (1978, p. 23) também percebeu a semelhança entre mitos criados por povos geograficamente distantes:

As histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda parte. Uma criação "fantasiosa" da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única - não se esperaria encontrar a mesma criação num lugar completamente diferente.

Esses mitos deram também origem a rituais que tinham como função trazer para o concreto a abstração promovida por essas histórias. Para Campbell (2007, p. 20), tais histórias tinham um propósito único e evidente:

Quando passamos [...] à consideração dos numerosos rituais estranhos das tribos primitivas e das grandes civilizações do passado, cujo relato chega até nós, torna-se claro que o propósito e o efeito real desses rituais consistiam em levar as pessoas a cruzarem difíceis limiares de transformação que requerem uma mudança dos padrões, não apenas da vida consciente, como da inconsciente.

Dentro desse quadro, o monomito tem como auge o retorno, pois este simboliza a transformação alcançada e, agora, compartilhada com a comunidade do "herói". Apesar do uso do singular, as histórias mitológicas permitem que mais de um herói (às vezes, um grupo deles) participe da aventura e do retorno à comunidade.

O retorno não é uma simples volta ao lar ou à comunidade. A viagem (jornada, giro [...]) pressupõe a mudança, a transformação decorrente da sabedoria acumulada pela experiência do percurso. Segundo Campbell (2007, p. 195):



O círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria [...] de volta ao reino humano, onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos [, e, assim] comunicar a mensagem de sua realização.

Nesse sentido, decorre a reflexão de que o “giro” das Folias de Reis se assemelha à Jornada do Herói, especialmente no tocante ao retorno à comunidade. O que conduz a essa reflexão é o fato de que o retorno, simbolizado pela Festa da Chegada das Folias em sua comunidade, geralmente é ritualizado de maneira complexa, representando o que Campbell (2007) chama de volta ao mundo comum com o elixir. Por isso, Campbell (2007, p. 225) afirma que “nem todos têm um destino: apenas o herói que estendeu a mão para tocá-lo e conseguiu retornar, trazendo o anel”. Conforme ensina Ricón (2006, p. 4), “[...] herói retorna ao mundo comum, mas toda a jornada não tem o menor sentido se ele não trouxer consigo um elixir”. Antes de se pensar que o elixir é algo “mágico” ou fora da nossa realidade, Ricón (2006, p. 4) complementa: “Muitas vezes, o elixir é simplesmente um amor conquistado, liberdade de viver ou a volta para casa com uma boa história para contar”.

Ikeda (2011, p. 93-94) descreve o dia da “Entrega”, um dos nomes dados pelos foliões à chegada, ou retorno, da Bandeira à sua comunidade após o longo percurso realizado na transmissão e comunicação das tradições e histórias do cristianismo primitivo. Eis como Ikeda faz sua descrição:

A cerimônia consiste na colocação de três arcos (geralmente de bambu) no caminho de chegada da folia até a porta da casa sendo que em cada arco, a folia para e realiza longas cantorias e pede passagem.

A concessão da passagem (pelos donos da casa) se dá pelo rompimento das “correntes” (de papel crepom ou fitas) que são colocadas como obstáculo junto a cada um dos arcos. Todo o espaço em frente à casa é enfeitado com bandeirolas coloridas, até mesmo os espaços da rua. A última corrente corresponde ao da porta da casa. Ultrapassados os três obstáculos, que para os devotos significam “as dificuldades que os Reis Magos tiveram no caminho para Belém”, realiza-se diante do presépio, longas cantorias, reza-se o terço e faz-se o ritual da retirada das máscaras dos “palhaços” (quando existem), que se ajoelham e pedem “absolvição” ao Menino Deus. Serve-se, então, o jantar aos foliões primeiramente. Canta-se o “Bendito de Mesa” (acompanhado ou não de instrumentos musicais). No decorrer do jantar, “escolhe-se” ou se anuncia o festeiro do próximo ano, geralmente levando-se em conta a manifestação de interesse de algum elemento presente, que sempre há.



A complexidade de rituais que envolvem a cerimônia da chegada (ou entrega) corresponde ao reforço simbólico de que esse evento não é apenas uma festa de confraternização e/ou de celebração da figura “santa” dos Reis Magos. Há algo mais profundo que exige o cumprimento cuidadoso desses rituais que, ousamos afirmar, simbolizam a entrega da bandeira, mas também, de uma sustentação da própria comunidade.

Figura 3 – Visita a uma casa durante o giro (jornada)



Fonte: Arquivo pessoal do autor, foto de Jovil Franco Junior, 1999.

Como diz Philip (1996, p. 8), “os mitos são mais do que histórias. Cada mito é uma mina de verdade humana. Os mitos e seus rituais frequentemente eram preciosos segredos”. Talvez seja por esse motivo que muitos dos rituais realizados pelos foliões das Companhias de Reis sejam apresentados ao grande público como mistérios ou segredos. Sobre a Folia de Reis de Sorocaba foi registrado o seguinte: “Há, porém, muitos segredos que o embaixador não comenta com ninguém. Há fórmulas “mágicas” e especiais de sair de certas situações e esse conhecimento é específico do embaixador” (Cavalheiro, 2007, p. 50). E é possível, ainda, que as transformações decorrentes do retorno da jornada sejam tão íntimas e pessoais que dificilmente sejam captadas por outras pessoas que não aquelas que tiveram contato com essa experiência. Daí a aparência de segredo ou mistério. Afinal, o mito “nos põe novamente em contato com a arquetipologia essencial de nossa vida espiritual. Ir a um ritual [...] nos mantém na trilha”, conforme Campbell (1990, p. 103).



Nesse sentido, o giro, ou jornada, da Folia de Reis constrói um discurso a partir de seus recursos simbólicos, música, canto, vestimenta, bandeira, fitas coloridas, comunicando tanto os princípios do cristianismo primitivo quanto outras tradições que se amalgamaram a essa manifestação da religiosidade popular. Ao estabelecer essa comunicação por meio de um trajeto percorrido, a Folia de Reis cria também um território sagrado.

Figura 2 – Os discursos simbólicos das vestimentas, fitas coloridas, máscaras. Folia de Reis de Piedade e de Sorocaba. Festa da Chegada em Sorocaba (Vila Formosa)



Fonte: Arquivo pessoal do autor, foto de Carlos Carvalho Cavalheiro, 2001.

Assim, em seu giro, a Folia de Reis vai construindo um espaço comunicativo, produzindo “sentido por ser esse objeto comum [a comunicação], alcançado através das relações de reciprocidade que, ao mesmo tempo, produzem a alteridade e a comunicação” (Santos, 1996, p. 214). Nessa relação entre os foliões e quem recebe a bandeira, cria-se um espaço comum e um território que ajuda a constituir uma identidade local em articulação com o global (Hall, 2006). Do contrário, como ensina Santos (1996, p. 222), “Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”.

Esse espaço percorrido pelas Foliás de Reis, especialmente quando distantes de seu locus original, é transformado pela relação que se estabelece entre os seres humanos (foliões) e o território sagrado construído durante a peregrinação. Ao recriarem seus modos de agir, reagir, sentir e estar no mundo, os foliões modificam o espaço percorrido e também se modificam interna e individualmente. Afinal, como diz Certeau (2012, p. 82), “não é possível prender no passado, nas zonas rurais ou nos primitivos os modelos operatórios de uma cultura popular. Eles existem no coração das praças-fortes da economia contemporânea”.



A Jornada do Herói pressupõe o retorno e a comunicação da transformação ocorrida durante a peregrinação. Parece-nos que esse ponto-chave se concretiza, no caso das Folias de Reis, com a Festa da Chegada. Afinal, como salienta Martinez (2022, p. 65), na passagem pelo limiar do retorno, “ocorre a entrada do reino místico à terra cotidiana”. A Folia de Reis é uma manifestação de culto ao sagrado. Portanto, seu giro, ou jornada, pode ser entendido como uma viagem ao reino místico e, ao final, como um retorno à realidade cotidiana.

Por esse motivo, esse momento é comemorado com uma refeição. Os antigos rituais religiosos costumavam ser acompanhados de refeições e, até hoje, as missas da Igreja Católica incluem a comunhão, quando os fiéis recebem a Santa Eucaristia em forma de hóstia, a qual, por sua vez, remete ao banquete pascal. A presença do banquete, ou refeição, nos rituais religiosos é um ato que se perde no tempo. Fustel de Coulanges (1975, p. 23) descreve as cerimônias religiosas domésticas da Antiguidade da seguinte maneira:

O banquete era o ato religioso por excelência, presidido pelo deus, que havia cozido o pão e preparado os alimentos; dirigiam-lhe também uma prece no princípio e no fim da refeição. Antes de comer, depunham sobre o altar as primícias dos alimentos; antes de beber, fazia-se a libação do vinho. Era a parte do deus. Ninguém duvidava de sua presença, ou que ele comesse e bebesse; e, de fato, não viam a chama crescer, como se fosse alimentada pelas oferendas? O banquete, assim, era dividido entre o homem e deus; era uma cerimônia santa, pela qual entravam em comunhão com a divindade.

É possível que a refeição da Festa da Chegada seja outro indício da comunhão dos participantes da Folia de Reis com o sagrado. Esse aspecto reforça o sentido mais profundo e simbólico da chegada, assemelhando-se, sem dúvida, ao retorno da Jornada do Herói.

De outra maneira, essa festa de chegada reforça o sentido da formação comunitária daquele grupo, como salienta Martinez (2022, p. 66):

Podemos observar que a estrutura campbelliana é extremamente rica, partindo de questões sutis, como a imaginação e os auxiliares sobrenaturais – tanto internos quanto externos – para relatar a evolução que passa o herói durante sua jornada em direção a patamares ampliados de consciência. Outro aporte é que este ganho, que pode até ser iniciado por inquietações pessoais, ultrapassa a dimensão pessoal, refletindo-se em nível comunitário.



Figura 5 – O retorno à comunidade: passagem pelos arcos



Fonte: Arquivo pessoal do autor, foto de Adilene Ferreira Carvalho Cavalheiro, 2001.

Nesse sentido, na leitura que fazemos sobre o “giro” das Folias de Reis, toda a experiência de contato com o chamado “sagrado” é compartilhada com a comunidade em que a Folia está inserida, na festa da chegada, no concreto retorno à comunidade.

Figura 6 – O retorno à comunidade: festa da Chegada e arcos



Fonte: Arquivo pessoal do autor, foto de Carlos Carvalho Cavalheiro, 1994.



Figura 7 – Foliões de Sorocaba apresentando-se na cidade de Piedade (SP)



Fonte: Arquivo pessoal do autor, foto de Adilene Ferreira Carvalho Cavalheiro, 2001.

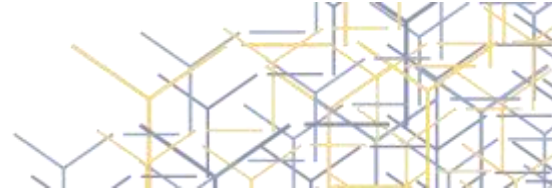
3 CONCLUSÃO

As semelhanças entre os roteiros das Folias de Reis e a “Jornada do Herói” permitem concluir que se constrói, nesse processo, um espaço de comunicação do sagrado.

Nesse sentido, tais semelhanças despertam reflexões sobre suas razões e fazem emergir hipóteses, como a de que o ritual das Folias de Reis seja, de fato, anterior ao cristianismo que ele supostamente comunica. A estrutura sobre a qual se assentam os giros das Folias de Reis pode representar a comunicação de tradições muito antigas, e rastrear-las pode conduzir a novos entendimentos sobre essas manifestações da cultura religiosa popular.

Ao associarmos o trajeto percorrido pelas Folias de Reis à Jornada do Herói, apontamos para uma perspectiva sutil, mas importante: o retorno, ritualizado na chegada das Folias de Reis ao término de sua jornada, traz consigo a ideia de volta ao “mundo comum” com o “elixir” que beneficia a comunidade. Em outras palavras, o reforço da identidade comunitária se dá a partir desse ciclo e da experiência com o sagrado mantido pelas Folias de Reis. Nessa esteira, políticas públicas de salvaguarda dessa manifestação popular ganham outra dimensão, uma vez que não se trata apenas da manutenção de um costume, mas de todo um alicerce que serve de equilíbrio para a comunidade.

Desse modo, os ritos, representações concretas dos mitos, ganham outra dimensão de importância na vida cotidiana. O conhecimento profundo desses mitos e de sua relação com o mundo atual “habilitar-nos-á, indubitavelmente, a entender uma grande quantidade de coisas presentes no pensamento mitológico e que no passado nos apressávamos a pôr de parte como coisa carecida de significado e absurda” (Lévi-Strauss, 1978, p. 38).



REFERÊNCIAS

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Com Bill Moyers. São Paulo: Palas Athenas, 1990. *E-book*. Disponível em:

https://gepai.yolasite.com/resources/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf.

Acesso em: 05 mar. 2026.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Folclore em Sorocaba**. Sorocaba: PMS, 1999.

CAVALHEIRO, Carlos Carvalho. **Folia de Reis em Sorocaba**. Sorocaba: Teaser Design, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012.

COULANGES, Fustel de. **A cidade antiga**. São Paulo: Hemus, 1975.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IKEDA, Alberto. **Folia de Reis, sambas do povo**. São José dos Campos: CECP; FCCR, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1978.

MARINHO, Neide. **Folias de Reis: múltiplos territórios**. Curitiba: Appris, 2015.

MARTINEZ, Mônica. **Jornada do herói: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2022.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Folclore paulista**. São Paulo: Cortez; Secretaria de Estado da Cultura, 1985.

PHILIP, Neil. **O livro ilustrado dos mitos**. São Paulo: Marco Zero, 1996.

RICÓN, Luiz Eduardo. A jornada do herói mitológico. *In*: SIMPÓSIO DE RPG & EDUCAÇÃO, 4., 2006, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Uninove, 2006. p. 2-4.

Disponível em: <https://hosted.zeh.com.br/misc/senac/4semestre/prj/jornada.pdf>.

Acesso em: 5 mar. 2026.



SANTOS, Milton *et al.* **O papel ativo da geografia**: um manifesto. São Paulo: Laboplan/USP, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERRES, Michel. **Filosofia mestiça**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Carlos Carvalho Cavalheiro – concepção, iconografia, redação, avaliação crítica, delineamento da temática.

Paulo Celso da Silva – redação, supervisão, avaliação crítica, estruturação.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o artigo "Recebeu a nossa bandeira: Folia de Reis, comunicação e Jornada do Herói".

Revisado por: Lesy Editorial
E-mail: lesyeditorial@gmail.com